

ACADEMIA PORTUGUESA DA HISTÓRIA

STVDIVM DILECTVM

COLECTÂNEA DE HOMENAGEM
AO PROF. DOUTOR JUSTINO MENDES DE ALMEIDA
PELO SEU 50.º ANIVERSÁRIO
DE ACTIVIDADE CIENTÍFICA



LISBOA  MCMXCIX



Legenda escrita na peça

"Sílex encontrado na Serra
Brunheira por João Alves
Cardoso e foi for' offerido

UM NOTÁVEL BIFACE ACHEULENSE DA SERRA DO BRUNHEIRO (CHAVES)

por João Bar
Falcão, com
picada de G
Nº 1

por

MANUEL FARINHA DOS SANTOS
JOÃO LUÍS CARDOSO

Chaves, 20 de
Janeiro de 1890

A peça objecto deste estudo foi encontrada, conjuntamente com outra semelhante, na Serra do Brunheiro, a nascente de Chaves, em finais do século passado; pertence a particular, que muito amavelmente a pôs à nossa disposição, pelo que, desde já, lhe apresentamos os devidos agradecimentos. Achados tão notáveis despertaram, naturalmente, a atenção de José Leite de Vasconcellos, incansável no engrandecimento das colecções do Museu Etnográfico Português, que havia fundado pouco tempo antes. De passagem por Chaves, obteve, por oferta do seu então possuidor, uma de tais peças, que se encontrava fracturada, a qual deu entrada naquele Museu em Setembro ou Outubro de 1895 (VASCONCELLOS, 1895, p. 326). Debalde ali foi procurada: nada consta da Serra do Brunheiro ou de Chaves, compatível com a peça em questão. Não obstante, esta deveria ser bem conhecida na época: foi mencionada por Vergílio Correia, então Conservador daquele Museu, em obra de síntese sobre o Paleolítico em Portugal, nos seguintes termos: "... para o Museu Etnológico de Belém trouxe o seu ilustre director, da Serra do Brunheiro (Chaves), uma ponta grande, de sílex, trabalhada com cuidado, a qual é, tanto pela qualidade da pedra como pela técnica da factura, uma das melhores peças arqueológicas do país, embora reduzida a metade" (CORREIA, 1912, p. 60). Como veremos, tais considerações também se aplicam ao exemplar completo, o qual se manteve inédito até ao presente, não obstante a importância conferida ao seu homólogo fracturado; tal como este jamais foi

reproduzido ou descrito. Com efeito, trabalhos ulteriores ao de Vergílio Correia, mencionam a peça do Brunheiro sem, contudo, adicionarem mais pormenores: é o caso de sucessivas sínteses de A. do Paço dedicadas ao Paleolítico, Epipaleolítico e Mesolítico do território português (PAÇO, 1934, 1940; PAÇO & JALHAY, 1941). No último dos estudos referidos, o mais desenvolvido apresentado pelos autores sobre o assunto, refere-se que “o instrumento do Brunheiro, segundo o parecer de alguns arqueólogos, deve ser introduzido fora do paleolítico”. Tal opinião não é de estranhar, atendendo às características invulgares da peça em questão, mesmo reduzida a fragmento. Por outro lado, a raridade do achado, no contexto regional em que ocorreu, explica a abundância de referências bibliográficas, em obras de síntese sobre a pré-história do território português ou mesmo peninsular, como as de F. Tavares de Proença, Joaquim Fontes, Mendes Corrêa, Hugo Obermaier, L. Pericot Garcia, Francisco Manuel Alves (Abade de Baçal) e Eugénio Jalhay, para além dos supracitados estudos (JALHAY & PAÇO, 1941, p. 34). Com efeito, a nível regional, escasseiam outras informações sobre achados paleolíticos, provavelmente devidas mais à penúria das investigações realizadas até ao presente, do que à efectiva escassez de tais peças na região, aliás contrariada do outro lado da fronteira, na bacia média do Douro (região de Salamanca), onde abundam.

As referências a outros materiais paleolíticos da região de Chaves são antigas e correspondem a achados isolados: é o caso de Pastoria, onde Lereno Antunes Barradas recolheu biface de quartzito e Monte de Condeixa (JALHAY & PAÇO, 1941, p. 34). Deste último sítio, seriam oriundas diversas peças vistas por Luís Chaves que, a corresponderem às observadas por nós próprios, não correspondem a objectos de talhe intencional.

Pelos motivos referidos, o estudo e publicação da peça paleolítica intacta do Brunheiro, agora concretizado, detém interesse acrescido.

1. Descrição da peça

1.1. *Aspectos gerais*

Trata-se de um grande biface de sílex, no qual se encontra inscrita, a tinta, a proveniência (“serra do Bronheiro”) e a data da descoberta ou oferta ao seu antigo possuidor (“Chaves, 23 de Janeiro de 1890”). A rocha, de boa

qualidade, apresenta fractura conchoidal regular e é compacta, sem acidentes ou irregularidades. Uma das faces é de coloração castanho-clara e opaca, sendo a outra de tonalidade ambarina e translúcida, com brilho mais intenso; tais diferenças devem-se a alterações texturais da rocha. Com efeito, a separação entre as duas zonas faz-se aproximadamente por um plano longitudinal que passa pelo meio da peça, não se devendo, conseqüentemente a eventual exposição diferenciada da superfície do objecto aos agentes meteóricos (água, neve, vento). Este, apresenta-se intacto, com excepção de pequena esquirola que saltou da extremidade distal, visível na Fig. 1. Outra irregularidade observa-se cerca do terço superior de um dos bordos laterais: trata-se de marcada concavidade, que nada indica ser ulterior à confecção/utilização da peça. Pode ser considerada como “encoche”, como sugere a presença de retoques, visíveis de um dos seus lados, aquele que, precisamente, exhibe um trabalho de levantamentos marginais e contínuos mais cuidado, contrastando com o trabalho do bordo oposto, que é mais sumário. Tais diferenças poderão, por seu turno, relacionar-se com uso diferenciado, atribuído a cada um dos bordos do instrumento: lembre-se a expressiva designação de “faz-tudo”, dada por J. Leite de Vasconcellos a estas peças, que de facto se prestavam a uma multiplicidade de funções, desde raspar e cortar, até golpear, perfurar e mesmo escavar.

1.2. *Dimensões e forma*

F. Bordes apresentou uma classificação dos bifaces baseada no seu contorno, a qual é particularmente aplicável aos exemplares planos e simétricos, como este (BORDES, 1961). Para o efeito, definiu os seguintes parâmetros morfométricos: L – comprimento; m – largura máxima; a – posição da maior largura face ao comprimento, contado a partir da base; n – largura a meio comprimento.

Os valores obtidos no caso presente foram os seguintes: L – 219 mm; m – 105 mm; a – 62 mm; n – 100 mm, a que poderíamos ainda acrescentar a espessura máxima (e) – 20 mm. Trata-se, pois, de uma peça acentuadamente plana.

O autor referido considerou os índices L/a e $n/m \times 100$, utilizados, respectivamente, no eixo das abcissas e das ordenadas do diagrama classi-

ficativo; a peça em apreço integra-se, segundo os referidos critérios, na banda dos bifaces cordiformes (Fig. 2): trata-se, com efeito, de exemplar cordiforme alongado, como a simples observação visual já sugeria.

O sistema desenvolvido por Bordes continua válido, no essencial; com efeito, outras propostas posteriores estenderam-se aos bifaces espessos, que então não foram objecto de classificação (SANTONJA & PÉREZ-GONZÁLEZ, 1984, p. 25). Tendo presente esta última classificação, o exemplar do Brunheiro, integra-se na Categoria 11, correspondente aos “bifaces cordiformes típicos”.

1.3. *Técnica de talhe*

A técnica de talhe evidenciada por este biface é de grande qualidade. Com efeito, ambas as faces exibem lascamento total, exceptuando-se uma pequena zona cortical, em posição marginal, de contorno sub-triangular e outra, ocupando a base, igualmente correspondente a vestígio da superfície primitiva do nódulo de sílex original de que foi obtido (Fig. 1). Negativos sub-horizontais e invasores, resultantes de levantamentos globalmente centrípetos, efectuados a partir de ambos os bordos laterais, da base e da porção distal da peça, que é apontada, reduziram progressivamente a espessura do suporte lítico original, conferindo-lhe o aspecto foliáceo que exhibe. Tais levantamentos mostram-se, porém, algo irregulares: extensas superfícies coexistem lado a lado com outras, de menores dimensões, configurando talhe directo, com percutor duro. O uso do percutor elástico, de osso ou madeira, é reconhecível, por seu turno, nos levantamentos estreitos, periféricos e frequentemente sub-paralelos, executados a partir de ambos os bordos laterais, em particular ao longo de um deles, conducentes à regularização dos respectivos gumes, que se mostram, de facto, quase rectilíneos.

A cuidadosa e regular preparação bifacial da peça torna, outrossim, difícil a selecção da face mais trabalhada, cujas características tecno-tipológicas conduzem à sua integração no Acheulense Superior.

2. **Discussão**

O sílex é uma matéria-prima quase desconhecida na região norte do País; assim sendo, a ocorrência de uma peça com as características desta, perto de Chaves, que requeria massa inicial de grandes dimensões, mesmo

que tabular (como parece ter sido o caso), só pode ser explicada por origem exógena. Por informação da Prof. Doutora Maria de Jesus Sanches, que agradecemos, foram por ela observados veios de sílex interestratificados em rochas paleozóicas, cortadas por pedreira existente entre Morais e Iseda. Referiu-nos também a ocorrência de veios de sílex na região entre Moga-douro e Macedo de Cavaleiros, identificados pelo Doutor Eurico Pereira, geólogo que procedeu a levantamentos da Folha 7 D – Macedo de Cavaleiros. Porém, as massas siliciosas transmontanas até ao presente identificadas não são susceptíveis de fornecerem suportes de dimensões superiores a 100-120 mm. Assim sendo, é a região de Figueira da Foz – Coimbra – Cantanhede, limite setentrional do Maciço Calcário da Estremadura, de idade mesozóica, que constitui o domínio mais próximo de onde poderia obter-se massa siliciosa compatível com a utilizada na produção deste biface. Com efeito, dali provém uma notável alabarda neolítica ou calcolítica, de sílex, a maior até ao presente registada em território português. Foi recolhida por Santos Rocha no dólmen de Cabecinha, Figueira da Foz: actualmente com 320 mm, deveria atingir os 345 mm quando completa (ROCHA, 1900, p. 202 e Est. XXIII, Fig. 304). O mesmo autor, menciona, mesmo, diversas explorações pré-históricas de sílex, na região (*op. cit.*, p. 232), que só reforçam a abundância ali observada de tal matéria-prima.

Na bacia média do Douro, já em território espanhol, o sílex é raro ou inexistente em massas como as requeridas para o fabrico de bifaces destas dimensões: tal realidade encontra-se espelhada no recurso sistemático e generalizado a seixos de quartzito, ali abundantes, oriundos de diversos níveis de terraço dos afluentes de ambas as margens do Douro (SANTOJA & PÉREZ-GONZÁLEZ, 1984).

Mais para Sul, nos depósitos do vale do Manzanares, em Santo Isidro (Madrid), recolheram-se abundantes bifaces acheulenses clássicos, de sílex, alguns deles primorosamente trabalhados, como a peça em apreço (OBERMAIER, 1925, Fig. 27, 28; SANTOJA & QUEROL, 1980, Fig. 4, 5).

O sílex foi também frequentemente utilizado na região de Lisboa, para o fabrico de bifaces acheulenses, onde ocorre sob a forma de nódulos, inclusos em calcários recifais do Cenomaniano Superior, aflorantes em torno da capital. Os exemplares mais expressivos provêm da zona de Monsanto (FIGUEIREDO, 1922) e do Casal do Monte (BREUIL & ZBYSEWSKI, 1942). É ainda de referir, até pelo interesse histórico que detém, o biface acheulense de sílex recolhido

isoladamente na gruta da Furninha, Peniche (DELGADO, 1884, Pl. I), cujas condições de ocorrência seriam de paralelizar com as do exemplar do Brunheiro, não fosse a existência potencial de sílex na zona de Peniche, susceptível de poder ser localmente aproveitado para o fabrico da referida peça.

2.1. *Aspectos morfo-técnicos e tipológicos*

O biface de sílex do Brunheiro, pelas suas características clássicas, recolhe os seus paralelos mais próximos no território francês. BORDES (1961, Pl. 56 a 64), reproduz numerosos bifaces acheulenses de sílex, cuja técnica de fabrico, conducente à obtenção de bifaces de pequena espessura, totalmente trabalhados em ambas as faces, é idêntica à do exemplar em estudo. Trata-se, em geral, de bifaces tardios, de contorno triangular ou sub-triangular, integráveis no Mustierense de Tradição Acheulense, embora também ocorram bifaces ovais, cordiformes e limandes, desde o Acheulense Superior, exibindo idênticas características.

A dificuldade de se reconhecerem evidentes paralelos para a peça do Brunheiro no território peninsular poderia, num primeiro momento, fazer duvidar da sua cronologia paleolítica, à semelhança da posição assumida por outros investigadores, face ao fragmento trazido para Lisboa por J. Leite de Vasconcellos. A prudência aconselhava a procura de alternativas. Excluída a possibilidade de se tratar de grande peça foliácea solutrense, tanto pela técnica evidenciada como pelo contorno da base, apontado naquelas, arredondado nesta, restava a hipótese de esboço de grande alabarda neolítica ou calcolítica. Porém, também esta hipótese é de rejeitar. Com efeito, a análise da peça indica artefacto acabado, conforme é indicado pelos retoques marginais contínuos ao longo, sobretudo, de um dos seus bordos laterais; as características de tais levantamentos são diferentes dos existentes em esboços de alabardas e punhais de sílex, neolíticos ou calcolíticos das oficinas do Arneiro e do Passal, Rio Maior (ZILHÃO, 1987, Fig. 24), bem como das observadas em exemplares inacabados das chamadas lâminas ovais de retoque cobridor, de época calcolítica, de que se recolheram numerosos exemplares no povoado pré-histórico de Leceia (CARDOSO, 1997, p. 56). Acresce que as alabardas de sílex de grandes dimensões, como a do dólmen de Cabecinha, Figueira da Foz, ou outras, como as duas recolhidas no dólmen de Casainhos, Loures (LEISNER, ZBYSZEWSKI & FERREIRA, 1969, Pl. XIII, n.º 172 e Pl. XIV, n.º 196),

possuem contorno sub-triangular e base rectilínea ou levemente convexa, características que estão longe de se observar na peça em estudo. Desta forma, a conclusão decorrente da exploração das alternativas possíveis, só reforça a conclusão a que chegámos, com base na análise técnica e tipológica.

Embora a peça do Brunheiro constitua, no panorama do Acheulense Superior peninsular, peça ímpar, existem bifaces acheulenses cujas características, tanto pela matéria-prima, como pelo apuro do fabrico, são próximas das exibidas por aquela.

No concernente à matéria-prima e técnica de fabrico, BREUIL & ZBYSZEWSKI (1942, pp. 144, 145) referem e reproduzem três bifaces de sílex, lanceolados, de Casal do Monte, Loures, por eles considerados como “excepcionalmente finos”, os quais se apresentam, com efeito, cuidadosamente lascados em ambas as faces, como o biface do Brunheiro; porém, embora as espessuras sejam semelhantes à deste, os comprimentos são significativamente menores (respectivamente 87, 84 e 82 mm).

Também deverão referir-se, a título de exemplo, diversos bifaces do Acheulense Superior de diversas jazidas portuguesas que, embora de quartzito, testemunham um apuro de execução perfeitamente compatível com o da peça em apreço. De facto, os importantes níveis de terraço que se desenvolvem ao longo da margem esquerda do curso inferior do Tejo, têm fornecido alguns bifaces do Acheulense Superior, de tipo lanceolado ou micoquense, que recolhem, também, estreitas analogias com homólogos franceses. É o caso de alguns exemplares de Milharós, Alpiarça (RAPOSO, CARREIRA & SALVADOR, 1985, p. 58, n.º 1, 2 e 4) e de outros, da região de Muge (CORRÊA, 1940, Fig. 4). Também no vale inferior do Caia se recolheram bifaces lanceolados típicos de quartzito, como o proveniente da estação de Caldeirinhas (BARRADAS, 1939, Est. III, Fig. 8).

Outros exemplos se poderiam invocar para ilustrar a ocorrência de bifaces, no território português, de técnica compatível com do biface do Brunheiro. É expressivo sobre todos, no que concerne a achados isolados, o biface micoquense quartzítico de Cairrão, Vila Garcia de Noéme, Guarda, exibindo trabalho primoroso, efectuado com percutor elástico em toda a periferia (RODRIGUES, 1959), acompanhado, na mesma região, por outro, fracturado, também recolhido isoladamente (JALHAY, 1936). São peças excepcionais, mas cuja ocorrência isolada é, provavelmente, aparente: em estações onde se recolheram centenas de peças mais ou menos frustes, conhecem-se,

pontualmente bifaces idênticos (é o caso dos belos exemplares de Burganes III e de Olmillos, cf. SANTONJA & PÉREZ-GONZÁLEZ, 1984, Fig. 22 e 27). Assim sendo, tanto os dois bifaces da Guarda, como o que agora nos ocupa, fariam parte de conjuntos mais vastos, não identificados no terreno devido ao seu mau recorte tipológico.

3. Conclusões

O estudo do biface da serra do Brunheiro, conduziu às seguintes conclusões gerais:

- 1 – trata-se de exemplar cordiforme alongado típico, do Acheulense Superior segundo a classificação de Bordes, de talhe bifacial total, simétrico e plano, cujos paralelos mais próximos se situam em estações clássicas do território francês;
- 2 – a matéria-prima em que foi confeccionado – provável tábuca de sílex esbranquiçado, ligeiramente translúcido numa das faces, que, por impregnação de hidróxidos de ferro adquiriu coloração acastanhada ou avermelhada – não foi até ao presente reconhecida na região, sob a forma de grandes massas, de dimensões compatíveis. A área mais próxima de onde poderia provir tal matéria-prima, no estado actual dos nossos conhecimentos, localiza-se entre a Figueira da Foz, Cantanhede e Coimbra, correspondente à extremidade setentrional do Maciço Calcário da Estremadura.
- 3 – a ocorrência desta peça de excepção, aparentemente isolada, acompanhada de fragmento similar, que deu entrada em 1895 no Museu Nacional de Arqueologia (onde não foi possível localizá-lo), só pode explicar-se, pelas razões aludidas, por transporte a longa distância; desta forma, constituiria, na época, objecto que, do ponto de vista estético, estimativo ou simbólico, detinha certamente grande importância. Não era, pois, instrumento destinado a uso imediato, ou sistemático, como acontecia com os seus congéneres mais frustes, de quartzito, abundantes mais para montante, na bacia do Douro médio (região de Salamanca).

Tratando-se de exemplar desprovido de paralelos directos no território português, ou, mesmo, na Península Ibérica, existem contudo homólogos de sílex e, mais frequentemente, de quartzito, cuja qualidade, do ponto de vista técnico, se afigura idêntica. Assim sendo, a sua ocorrência, à primeira vista insólita, fica, em parte, explicada.

BIBLIOGRAFIA

- BARRADAS, L. Antunes (1939) – Estações paleolíticas do Caia inferior. *Brotéria*, Lisboa, 28 (2), pp. 215-223.
- BORDES, F. (1961) – *Typologie du Paléolithique Ancien et Moyen*. Delmas, Bordeaux, 2 vol., 120 p. e 108 Pl.
- BREUIL, H. & ZBYSZEWSKI, G. (1942) – *Contribution à l'étude des industries paléolithiques du Portugal et de leurs rapports avec la Géologie du Quaternaire. Les principaux gisements des deux rives de l'ancien estuaire du Tage*, 1. Comunic. Serv. Geol. Portugal, Lisboa, 23, pp. 5-329.
- CARDOSO, J. L. (1997) – *O povoado de Leceia sentinela do Tejo no terceiro milénio antes de Cristo*. Lisboa/Oeiras, Instituto Português de Museus/Câmara Municipal de Oeiras, 128 p.
- CORRÊA, A. A. Mendes (1940) – Novas estações líticas em Muge. *Actas do Congresso do Mundo Português* (Lisboa, 1940), Lisboa, 1, pp. 113-127.
- CORREIA, V. (1912) – O Paleolítico em Portugal – estado actual do seu estudo. *O Arqueólogo Português*, Lisboa, 17, pp. 55-62.
- DELGADO, J. F. N. (1884) – La grotte de Furninha a Peniche. *Congrès International d'Anthropologie et d'Archéologie Préhistoriques*, IX Sessão (Lisboa, 1880), pp. 207-278.
- FIGUEIREDO, A. Mesquita de (1922) – Nota sobre duas estações paleolíticas. *Revista de Guimarães*, Guimarães, 32 (2), pp. 191-198.
- LEISNER, V.; ZBYSZEWSKI, G. & FERREIRA, O. da Veiga (1969) – *Les monuments préhistoriques de Praia das Maçãs et de Casinhos*. Memórias dos Serviços Geológicos de Portugal, Lisboa, 16, 100 p.
- JALHAY, E. (1936) – O Paleolítico na Beira Baixa. *Brotéria*, Lisboa, 22 (1), pp. 67-71.

- JALHAY, E. & PAÇO, A. do (1941) – Páleo e Mesolítico português. *Anais da Academia Portuguesa da História*, Lisboa, 4, pp. 13-101.
- OBERMAIER, H. (1925) – *El Hombre Fósil*. Madrid, Comisión de Inv. Paleontológicas y Préhistóricas, 2.^a edição, 457 p.
- PAÇO, A. do (1934) – Carta paleolítica e epipaleolítica de Portugal. *Trabalhos da Associação dos Arqueólogos Portugueses*, Lisboa, 1, pp. 43-47.
- PAÇO, A. do (1940) – Revisão dos problemas do Paleolítico, Mesolítico e Asturiense. *Actas do Congresso do Mundo Português* (Lisboa, 1940), 1, pp. 131-158.
- RAPOSO, L.; CARREIRA, J. R. & SALVADOR, M. (1985) – A estação acheulense Final de Milharós, Vale do Forno, Alpiarça. *Actas da I Reunião do Quaternário Ibérico* (Lisboa, 1985), 2, pp. 41-60.
- ROCHA, A. dos Santos (1900) – *Antiguidades prehistoricas do concelho da Figueira*. 4.^a Parte. Coimbra, Imprensa da Universidade, 274 p.
- RODRIGUES, A. V. (1959) – Subsídios para o estudo do Paleolítico do distrito da Guarda. *Actas e Memórias do I Congresso Nacional de Arqueologia* (Lisboa, 1958), Lisboa, 1, pp. 105-108
- SANTONJA, M. & QUEROL, A. (1980) – Las industrias achelenses en la region de Madrid. In *Ocupaciones Achelenses en el valle del Jarama*. Madrid, Diputacion Provincial de Madrid, pp. 29-48.
- SANTONJA, M. & PÉREZ-GONZÁLEZ, A. (1984) – *Las industrias paleolíticas de La Maya en su ambito regional*. Excavaciones Arqueológicas en España, Madrid, 135, 347 p.
- VASCONCELLOS, J. Leite de (1895) – Acquisições do Museu Etnographico Português. *O Arqueólogo Português*, Lisboa, 1, pp. 325-326.
- ZILHÃO, J. (1987) – *O Solutrense da Estremadura Portuguesa – uma proposta de interpretação paleoantropológica*. Trabalhos de Arqueologia, Lisboa, 4, 94 p.

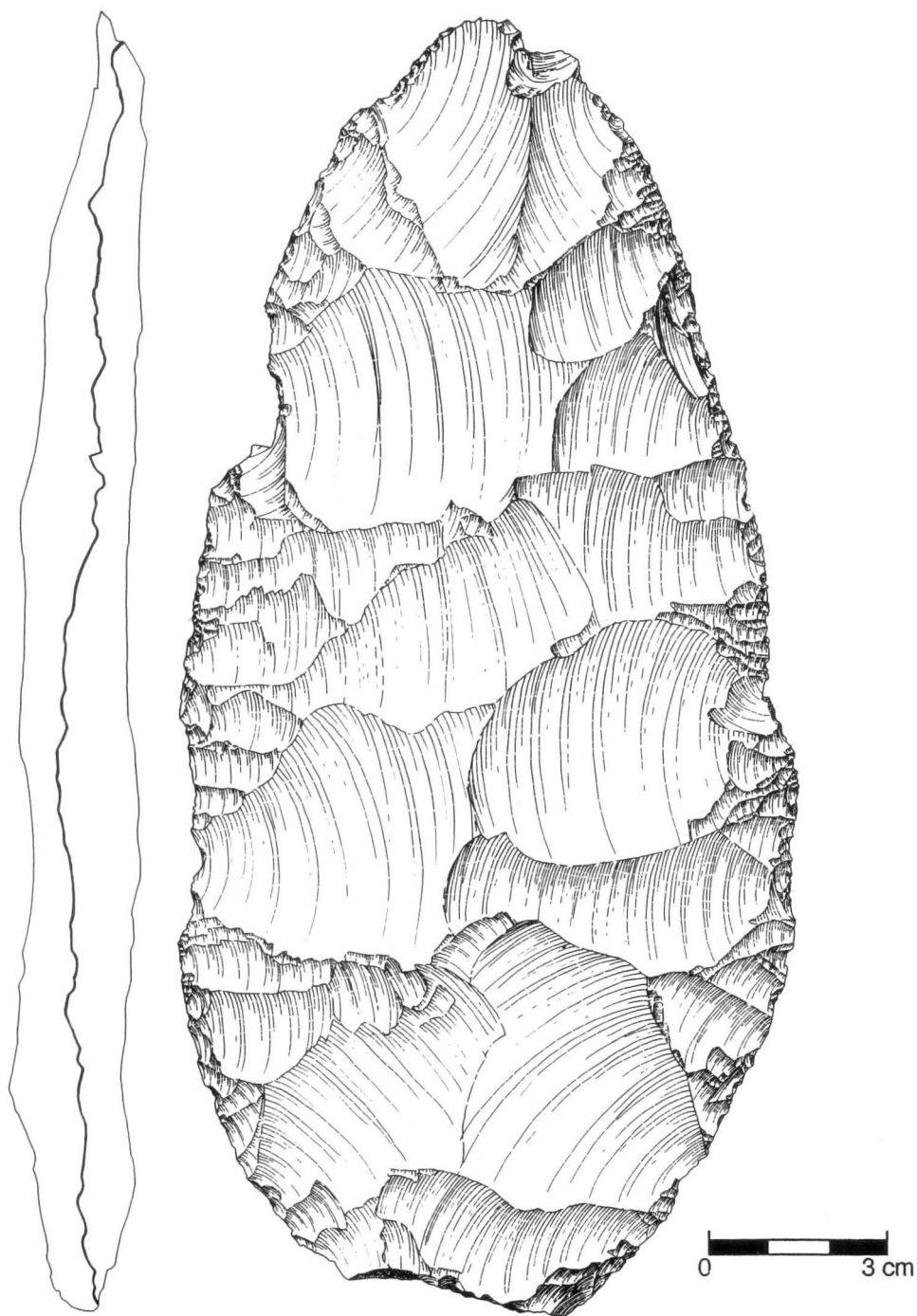


Fig. 1, A – O biface da serra do Brunheiro, visto de um dos lados.

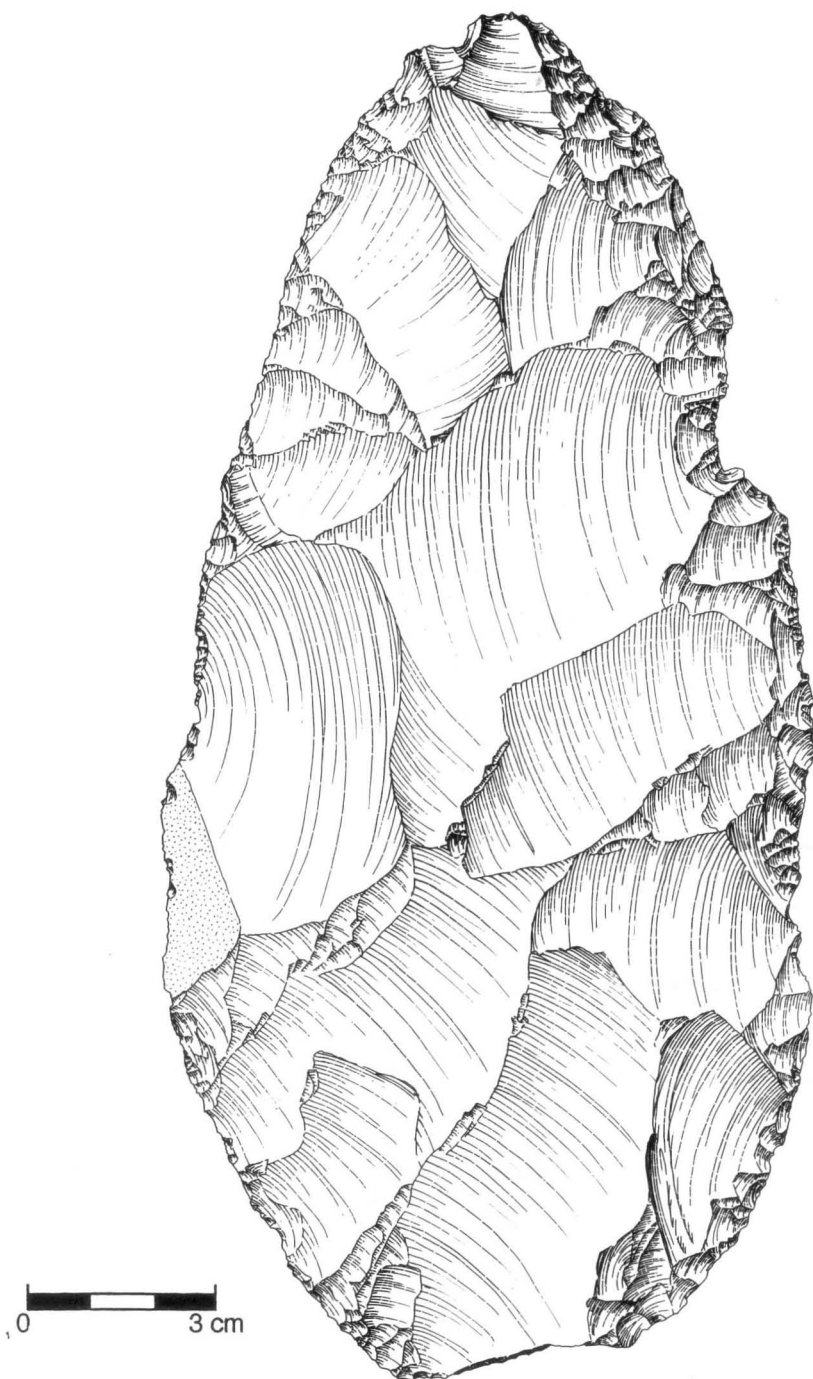


Fig. 1, B – O biface da serra do Brunheiro, visto do outro dos seus lados.

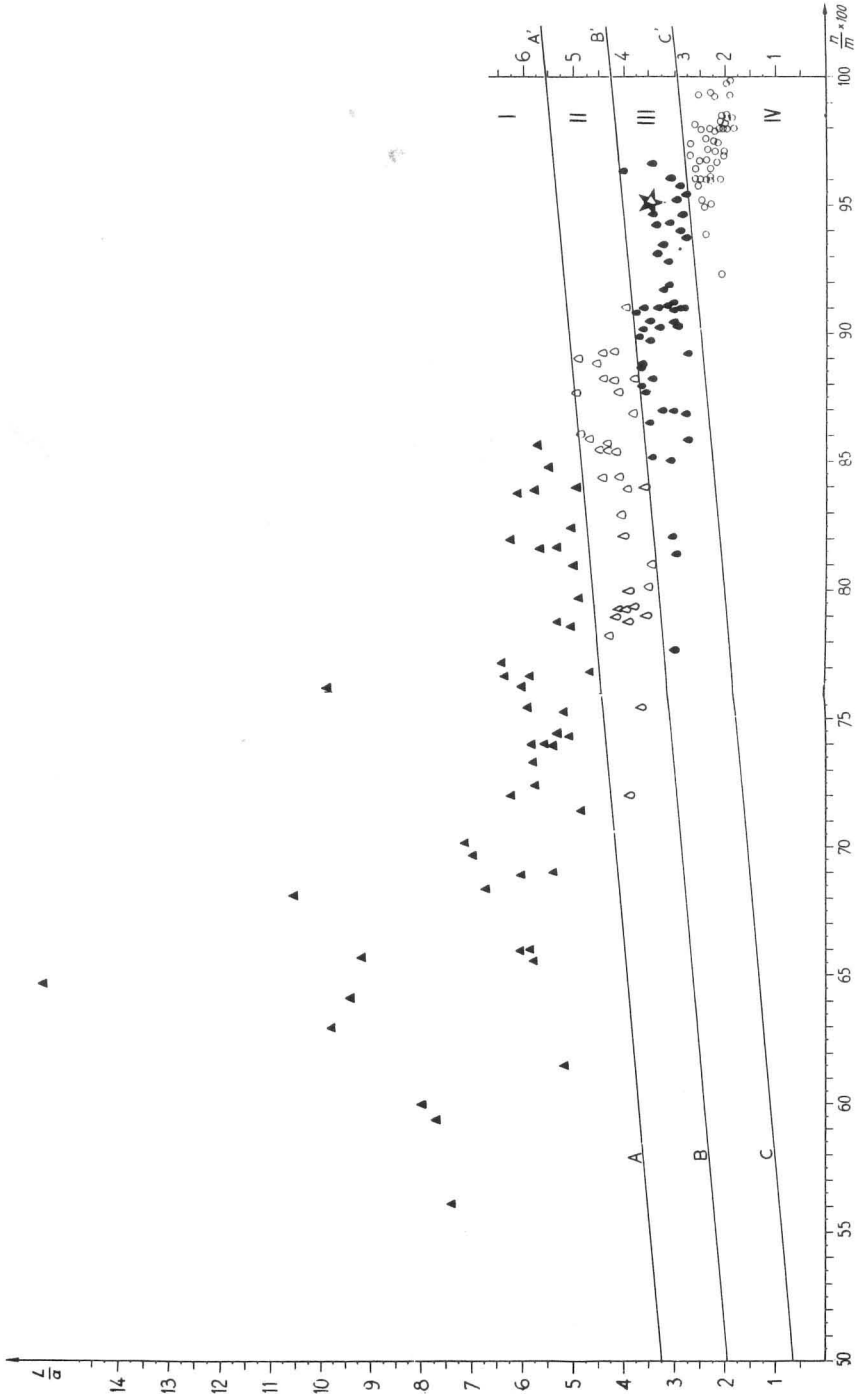


Fig. 2 – Diagrama L/a ; $n/m \times 100$, de Bordes. O biface da serra do Brunheiro inclui-se na banda dos bifaces cordiformes, encontrando-se representado por uma estrela.